ORFEÃO UNIVERSITÁRIO DO PORTO

DE AI



ANO III MARÇO DE 1965 N.º Publicação mensal do Orfeão Universitário do Porto

DIRECTOR E EDITOR	EDUARDO DELGADO BEIRÃO REIS									
REDACTOR-CHEFE	MANUEL CARDOSO PINTO LEITE									
REDACTOR-CONSELHEIRO	RAUL GUIMARÃES LOPES									
ADJUNTO	ALFREDO MANUEL ESTEVES FERRAZ DA SILVA									
ADMINISTRADOR-CHEFE	RUI ESTEVÃO VASCONCELOS BESSA									
ADJUNTOS	FERNANDO SÉRGIO SALGADO AMARAL JOSÉ ANTÓNIO SILVA PINTO GUIMARÂES RUI ALBERTO MOREIRA OSÓRIO ANTÓNIO JOSÉ AFONSO FERNANDES									

ORGANISMOS CIRCUM-UNIVERSITÁRIOS:

Sumário

Sociedades em Ponto Pequeno ou Elites?	
por E. D. Beirão Reis	. 1
REPORTAGEM	
Sarau Anual — por Repórter "Besouro"	. 3
II Exposição fotográfica do O. U. P.» — por Repórter X	. 14
VELHOS CAMARADAS	
— por Pedro Migalha	. 6
CINEMA	
«Posições da Câmara: — Ângulos de Filmagem»	
«Movimentos da Câmara»	
— por Pinto Leite	. 7
DESERTO — por Maria Guilhermina	. 8
NÓTULAS DE VIAGEM	
«Dinamarca — por R. Guimarães Lopes	. 9
POESIA	
«Poemas» — por Soler de Castro	
— por Marinda de Castro	. 11
CONTO	
«Essa Noite» — por Adão Pinho da Cruz	. 12
PELA UNIVERSIDADE	. 15
PÁGINA DE FOTOGRAFIA	
«Concelhos úteis para tirar fotografias»	. 17
CONCURSO DA REVISTA «ORFEÃO»	18
PAUSA	. 19
DACINA DEMININA	20

ī	ASSINATURA												
	1 ano (5	números)											 10\$00
l	Venda avuls	80											 2\$50



ORGANISMOS CIRCUM-UNIVERSITÁRIOS:

por Beivão Reis

SOCIEDADES EM PONTO PEQUENO... OU ELITES?

1. Mentalidade Universitária

Debrucemo-nos atentamente sobre a mentalidade universitária actual, encarando-a sob dois dos seus acpectos principais — mentalidade do aluno universitário e mentalidade da Instituição Universitária — tentando não só seguir a sua evolução como ainda concluir do que lhe é exigido na época presente.

A primeira impressão que nos fica ao atentarmos no baixo nível cultural e intelectual dos alunos universitários é que, por um lado, estes não ingressam na Universidade psicològicamente preparados para obter desta o que esta tem obrigação de lhes proporcionar; por outro lado, a própria Instituição Universitária não se encontra devidamente estruturada nem apetrechada, quer sob o aspecto técnico ou material, quer sob o aspecto humano ou social, para cumprir o que as exigências duma época e a necessidade de formação de elites pedem.

Estes dois factores, aliados à inércia intelectual e à falta de responsabilização e consciencialização dos universitários em geral são, a meu ver, os principais responsáveis pela mediocridade global que se observa nos vários aspectos da vida universitária

Se acompanharmos a evolução da situação do estudante no meio social, verificaremos que teve um período áureo, caracterizado por uma quase ausência de responsabilidades a serem-lhe exigidas, por uma preponderância visível em qualquer meio social onde se encontrasse, por uma tolerância declarada da Sociedade perante as suas atitudes grosseiras, mal educadas ou indignas, benèvolamente classificadas de «irreverência académica».

O «estudante» ou «Senhor Doutor» dessa época boémia nem sempre possuía a noção exacta dos seus deveres, vivia numa inversão total dos valores e finalidades a atingir, enganando-se a si próprio e à Sociedade que, infelizmente, não tinha visão suficientemente clara para verificar que, aceitando tal tipo de mentalidade, estava a alimentar no seio a víbora que, ao mesmo tempo, lho roía e dilacerava. Atentemos na agitada vida política e social portuguesa décadas atrás, na falta de dirigentes à altura, nos prejuízos incalculáveis que a incapacidade de selecção e valorização de problemas por parte das «elites» de então trouxeram ao País; relacionemo-la com a baixa mentalidade estudantil da época e a tolerância da Sociedade perante ela e a conclusão ressalta, clara e límpida: o valor e prestígio duma Nação estão na dependência directa do valor e capacidade das suas Universidades.

(Cont. na pág. seguinte)

REDACTORIAL

O Sarau de Gala do ano orfeónico ocupa os nossos pensamentos.

Os «antigos» irão rever-se no palco, dentro de esfarrapada capa, a cantarem. Os «velhos» contribuirão, pelas últimas vezes, para o brilhantismo do espectáculo. Os caloiros começarão a cimentar saudades.

O Sarau para todos tem significado. Mesmo para aqueles que são estranhos ao Orfeão.

É, tradicionalmente, no Sarau que o passado passa algumas horas em íntima comunhão com o presente.

Neste número podem os leitores da Revista «Orfeão» apreender algumas vivências, de novos e velhos orfeonistas, relacionadas com esse espectáculo.

Incluímos também neste número um artigo («Velhos Camaradas») dum antigo aluno da Universidade do Porto, e para o qual chamamos a atenção especialmente dos novos. Um dia virá em que também sentirão o aguilhão da saudade a rasgar-lhes a carne... Nesse dia compreenderão o valor da amizade, das libações, dos passeios, mesmo das querelas tidas com os seus companheiros.

Como Organismo circum-universitário, não descura o O. U. P. a problemática — de âmbito nacional — em que está envolvido. Oportuna é a voz do seu Presidente de Direcção ao versar—dentro das circunstâncias actuais, de todos conhecidas — nas páginas desta Revista, tão hotierno assunto.

Este tipo de mentalidade tende a desaparecer ràpidamente. Por um lado, a Sociedade, abertos seus olhos sobre a missão que compete aos diplomados pela Universidade na condução daquela, reage desfavoràvelmente perante a «irreverência académica» quando esta ultrapassa os limites da boa educação e dignidade, exigindo que os universitários tenham um comportamento de acordo com as responsabilidades que lhes são imputadas e manifestem uma intelectualidade e vitalidade mental à altura da sua situação futura como componentes duma elite; por outro, as crescentes dificuldades económicas das populações, o progresso técnico, o aumento no nível cultural geral pelas facilidades de acesso a Escolas de ensino secundário, a necessidade de se possuir um curso para se ser alguém na Sociedade fazem sentir ao estudante universitário que, de modo algum, a «boémia» pode ser considerada como finalidade a atingir e que a sua pessoa é valorizada não pela sua situação de universitário mas sim pelas suas qualidades de trabalho e pelo seu valor intelectual.

Reparemos, no entanto, que não basta à Sociedade reconhecer a falta de validade da mentalidade antiga e a necessidade de renovação e ideais do Universitário para que essa renovação se efectue. Não basta reconhecer que um caminho é mau para que este deixe de ser trilhado; é necessário construir outro que possa substituir o primeiro, sob pena de o antigo continuar a ser utilizado ou de se cair no caos da inexistência de um caminho, de uma orientação.

Nesta ordem de ideias, deve a Sociedade — e, neste caso, podemos dizer especialmente as Famílias — preparar, mentalizar os seus membros para que, quando estes ingressem na Universidade, possuam o mínimo de formação intelectual e moral que lheo permita, por um lado, sentir a responsabilidade que passam a arcar, por outro, colher da Universidade todos os ensinamentos tendentes à formação integral da sua personalidade.

Deve também a Universidade possuir uma ideologia firme e sã e transmiti-la aos que a frequentam, de modo que cada um tenha um conhecimento perfeito e completo das finalidades a atingir. Não se concebe um processo de formação integral, — técnica, científica, intelectual e humana — sem uma ideologia que, valorizando cada um destes aspectos e interligando-os, sirva de orientação à sua consecução.

Infelizmente, embora se faça sentir a necessidade de criar novos horizontes à Universidade em geral e se reconheçam os prejuízos e defeitos da mentalidade antiga, o panorama não é dos mais apreciáveis.

É confrangedor observar como os universitários são incapazes de procurarem cultivar-se a si próprios e contribuirem, inclusivé, para a cultura de seus Colegas; nas suas conversas e atitudes, nas opiniões que manifestam, no modo como encaram os problemas, valorizando os mais mesquinhos e saltando por sobre os que deveriam merecer a sua reflexão e estudo, nota-se uma falta de elegância, personalidade, coerência e cultura que nos leva a concluir que, afinal, a Juventude Universitária não é, na maior parte dos aspectos, superior à restante Juventude.

É indispensável modificar o estado actual de coisas, criar uma ideologia que oriente a formação universitária, preparar devidamente os pré-universitários e reorganizar a estrutura da Universidade; só assim poderemos esperar a preparação de elites no verdadeiro sentido da palavra.

II. OS ORGANISMOS CIRCUM - UNIVERSITÁ-RIOS COMO MEIOS COMPLEMENTARES À ACÇÃO FORMATIVA DA UNIVERSIDADE

Desempenhando a Universidade actual um papel meramente técnico na formação dos universitários, consequentemente incompleto, cabe aos organismos circum-universitários a tarefa de contribuirem directamente e fomentarem formação intelectual e humana mais de acordo com as especiais responsabilidades directivas e orientadoras que, posteriormente, são exigidas aos diplomados pela Universidade.

Este papel complementar já de si seria importante no caso de a Universidade ser capaz de dar cumprimento à ampla tarefa que lhe cabe nos diversos sectores — técnico, científico, intelectual e humano — pois então os organismos circum-universitários seriam à expressão e reflexo do vigor, pujança e validade do ensino da Instituição Universitária, o fruto da sua acção formativa integral; mas é de primordial relevância na presente situação pela necessidade e dever que têm de formar também mentalidades e caracteres.

Por outras palavras: no caso ideal, a mentalidade, valor dos organismos circum-universitários seriam uma consequência directa da mentalidade e valor dos seus componentes, uma vez que estes, suficientemente personalizados na sua passagem pela Universidade, necessitariam não dum meio onde aprendessem, mas sim dum meio onde manifestassem e dessem aplicação aos conhecimentos aprendidos.

Note-se, porém, que a realidade actual é bem diferente e os organismos circum-universitários não podem constituir um meio de expressão duma mentalidade sólida e bem formada que, infelizmente, não existe; devem, sim, actuar como meios criadores, pelos menos complementares da formação dessa mentalidade e contribuir decisivamente para a constituição da elite que se pretende que saia da Universidade.

Revendo o que para trás ficou escrito, concluí-

(Cont. na pág. 16)

SARAU ANUAL

«Antigos Orfeonistas, que dentro em pouco subireis ao palco para connosco cantar «A Proposição», pode:s fazê-lo com o coração em júbilo, os Orfeonistas de hoje tudo farão para merecer o glorioso passado que lhes legastes!»

Estas palavras, que costumam encerrar as notas históricas escritas nos «Programas» dos Saraus do OUP, envolvem, na sua singeleza, toda uma gama de emoções que cercam, desde o início de cada ano orfeónico, a preparação do Sarau Anual do Orfeão.

Sejam quais forem os projectos para esse ano de vida orfeónica, quaisquer que sejam as preocupações dominantes dos seus Corpos Gerentes, ocupará sempre o lugar cimeiro esta realização, vèlhinha de 27 anos, mas sempre jovem no espírito que a rodeia

os primeiros e não corremos o perigo de escandalizar os últimos, se apontarmos como factor predominante nesse «ambiente» a ideia que ficou expressa nas palavras transcritas.

É, na verdade, o sentimento de «prestação de contas», de saldo de uma «dívida» o que domina os Orfeonistas, quando, no palco, apresentam o produto de um ano de trabalho. Na sua frente está um público especial, donde se destacam os «Antigos Orfeonistas» que, de olhos postos nos actuais, revêem a sua moci-

A Orquestra de Tangos do O. U. P. num momento da sua actuação no último Sarau Anual



e no constante esforço de renovação de que se reveste.

Não faremos a enumeração exaustiva das razões que justificam essa importância e esse clima, que sempre envolvem o Sarau que o Orfeão ininterruptamente realiza num dos teatros da Cidade Invicta — Reunião Anual da Família Orfeónica, só pelos «familiares» poderá ser perfeita e completamente entendida e valorizada.

Os que tiveram a honra de, alguma vez, envergando uma capa e batina, pisar um palco para representar o OUP, esses encontrá-las-iam insuficientes e apontariam sempre outra razão reputada de igual valor. Os outros talvez as não compreendessem, pelo muito que possuem de característico, de academismo, talvez de misticismo!

Mas, sem dúvida, que estaremos de acordo com

dade, as suas canseiras de orfeonistas, esperando, no final, a extracção de uma conclusão — valeu a pena.

Mas, no OUP também há caloiros, ou mais precisamente, é onde o caloiro se sente... mais caloiro do que em qualquer outra parte! E para eles o acontecimento — Sarau Anual — é ainda mais transcendente. Será a sua «apresentação» de Orfeonistas perante o «público do Orfeão», aquele que é, na verdade, o público mais entusiasta, mas, também, o mais exigente!

E por estimar e respeitar o seu público, o Orfeonista sente o peso dessa responsabilidade; talvez resida nisso aquela «indefinida sensação» que todos, «veteranos» e «caloiros», desde o anónimo componente ao que sentirá sobre si maior dose de responsabilidade, experimentam, quando se abre o pano para início de mais um Sarau para a maior

parte, o primeiro para os... tais, e o último para outros.

Sim, amigos leitores, para aqueles que vêem chegada ao fim a sua juventude, este é, talvez, o mais evidente e também o mais penoso sinal— o último Sarau no Orfeão Universitário do Porto.

Depois, quando envolvidos no humano e «filosófico» — Struggle for life — lembrarão, com saudade, o seu Orfeão e, sempre que se lhes depara uma oportunidade, vêm encontrar-se com ele, no momento solene do canto de «A Proposição».

Na intenção de dar a conhecer aos leitores o «clima» que sempre rodeia os nossos Sarau na cidade do Porto, colhemos alguns depoimentos que, no seu conjunto, vos permitirão formular uma ideia dessa emoção, sempre nova, porque sempre vivida diferentemente, na cadeia de emoções que é a vida orfeónica, em cada um dos elementos dessa grandiosa e unida Família — Orfeão Universitário do Porto.

Ouvindo um caloiro

José Manuel Machado de Faria

- Com que emoção esperas a realização do próximo Sarau Anual?
- Quando se é caloiro no Orfeão, idealiza-se todo um mundo de esperanças, naturalmente adequado àquele que se inicia na prática de determinada actividade, seja ela artística, cultural ou de outra índole.

Com toda a pompa de que se reveste, perante um público



As danças da Madeira sempre um dos números mais aplaudidos nos nossos espectáculos.

heterogéneo, que engloba familiares, que vão aplaudir os seus, críticos, observando o que no Orfeão há de saudável para uma mocidade exuberante no que respeita a camaradagem e entreajuda, antigos universitários, que comparecem com a ideia de passar umas horas agradáveis em companhia de jovens, que os farão lembrar a mocidade passada, ou outros jovens aspirando pertencer a essa pleiade de universitários, o Sarau Anual é já a concretiza-



Fazem-se ouvir fados e guitarradas no espectáculo anual de 1964.

ção de algumas das muitas aspirações que imaginamos aquando da nossa entrada para o Orfeão. Nós, caloiros, sentimos já intensamente que fazemos parte do Orfeão, que contribuímos, embora de maneira modesta, para a realização desta Festa, enfim, que principiamos a fazer dele parte integrante.

E na alegria desmedida de mostrarmos uma parte do que somos e da qual talvez nos não tivéssemos apercebido, esperamos de todos vós compreensão e carinho para que nos possamos sentir animados a continuar uma obra que não é nossa, pois nos foi legada por outras gerações, mas que nos pertence e que confiaremos aos que vierem depois de nós. Essa obra reflectirá a nossa vontade, o nosso esforço, em prol de um Orfeão cada vez melhor.

É, pois, com a emoção natural de quem sente o Orfeão como parte de si próprio, que espero o primeiro Sarau Anual.

Depõe também o Presidente da Direcção do OUP Eduardo Beirão Reis

- Ouve cá «Presidente», de que forma encaras tu o Sarau Anual deste ano?
- Sem dúvida, que este ano encaro o Sarau Anual de forma muito diferente, pois a minha responsabilidade é muito

maior. Mas não é só minha, é da Direcção perante o Orfeão e, principalmente, do Orfeão face à Universidade e à própria cidade do Porto.

Entendo que o nosso Sarau deve ser, acima de tudo, uma manifestação de arte e cultura, sem esquecer, evidentemente, a correcta «Graça Académica». A jovialidade sã, creio, é a forma mais eficaz de amenizar e tornar particularmente agradável o conjunto do nosso espectáculo.

— De que forma pensas que decorrerá o espectáculo?

Sinto-me optimista, como deves imaginar. Todos procuram ajudar e contribuir para dar brilho ao Sarau, dentro do princípio geral que norteou a sua concepção. E embora não seja este o melhor meio de o fazer, aproveito a ocasião para manifestar a minha gratidão pela colaboração que todos os Orfeonistas têm prestado.

Não acho justo comparar o Sarau deste ano com o dos anos transactos. Apenas digo que fazemos o possível para que seja bom, para que agrade aos que a ele assistirem, para que, considerado como reflexo da mentalidade existente no O. U. P., mostre que o Orfeão procura evoluir no sentido do progresso, como é nosso desejo.

E o «Presidente» afastou-se para o Gabinete da Direcção..., para imediatamente ouvir os protestos de certo Orfeonista rezingão, que considerava gravemente culpável o facto da Direcção não ter à disposição dos Orfeonistas moedas de tostão e dois tostões..., para os trocos do telefone!...



O estrépido duma dança com cunho guerreiro abala o palco: actua o grupo de danças de Miranda do Douro.

Um «quase-antigo» Orfeonista o Dr. Raúl Guimarães Lopes, conta-nos as suas emoções.

A lembrança do meu primeiro Sarau Anual, vem misturada com um sentimento de melancólico prazer (paradoxo?), quiçá já de saudade.

Os colarinhos altos, comprimindo as carótidas, faziam perpassar pelo corpo baforadas vertiginosas; o colete, a batina, a capa, bem juntas ao corpo, activavam a laboração a pleno rendimento das glândulas sudoríparas de maneira talvez mais eficaz que um banho-turco; uma leve ansiedade, pelo que viria, criava um indefinido mal-estar hipogástrico; o temor de uma «fífia» provocava inquietantes sensações de fraqueza nas pernas.

Um «velho» mandava um caloiro descer mais um degrau; um «director» mandava calar um orfeonista; um colega mandava chegar mais para o lado o seu vizinho; um «antigo», nos bastidores, mandava tapar a seda da batina. Parecia que todos mandavam

Começava o espectáculo. As mãos do Maestro, entregues à magia do movimento, faziam brotar dos diversos naipes, sons que se completavam em maviosas ou altissonantes.

Concretizavam-se, enfim, tantas horas de ensaio!

E tinha valido o esforço: éramos aplaudidos!

Com ar de superior orgulho, no final, passávamos entre a multidão (que não tinha colarinhos altos...) a caminho do bufete para refrescar a sequiosa e emocionada garganta.

Os anos passaram. Os orfeonistas são outros. O público é constituído por outras pessoas. Mas tudo continua da mesma maneira: uns cantam e outros aplaudem.

Sòmente nós, os «quase-antigos», parece que somos diferentes. Já não suamos, temos colarinhos mais largos, estamos «seguros», lá no último degrau do estrado.

Sim, na verdade, somos diferentes dos outros orfeonistas: para além daquele incómodo último degrau temos o direito a uma confortável cadeira de orquestra.

Contudo, a troca não seduz. Se pudéssemos continuar, de pé, no último degrau...

Se pudéssemos continuar a não nos sentirmos diferentes.

Através destas impressões, podem os leitores imaginar o que se passará em cada um dos Orfeonistas, quando, no próximo dia 31, no teatro Rivoli, o pano se abrir e diante de vós aparecer aquela mancha negra de capas e batinas.

Na nossa frente estarão personificadas diferentes emoções variando conforme o degrau que no estrado ocupa o orfeonista. Nos primeiros, os caloiros, nos últimos, os que, num futuro próximo, nos deixarão para se juntarem aqueles que agora ocupam um lugar no meio do público que nos aplaude.

Para esses vão o nosso testemunho de gratidão e os votos de que se sintam orgulhosos dos que agora ocupam o seu lugar.

Os Orfeonistas envelhecem, mas o Orfeão esse será sempre jovem porque o constitui uma juventude constantemente renovada.

Repórter "Besouro"

VELHOS CAMARADAS

N. da R.: A Associação dos Antigos Alunos da Universidade do Porto, teve a amabilidade de convidar um representante da Redacção da Revista «ORFEÃO» a assistir ao seu Primeiro Jantar de Confraternização, realizado no Ateneu Comercial do Porto. Entre os brilhantes discursos proferidos, entre as saudosistas mensagens lidas, destacamos a carta que gratamente aqui publicamos. Fazemos também votos para que tais encontros com o passado continuem, com o mesmo espírito do primeiro.

Não posso, em que me pese, aparecer no ágape saudosista do Ateneu; mas o Zeferino Moura — o Zeferino do «Janeiro», sempre entusiasta e, quanta vez, tambor-mor das manifestações académicas de remembrança — não faltará, estou certo. Por isso o faço depositário do recado que envio a alguns dos convivas sessentões da patuscada, ou a todos, se todos tiverem já (como eu, ai de mim!) ultrapassado há muito a cumeada do meio cento.

É que só esses poderão recordar (ainda como eu e, talvez, tão bem ou melhor...) as comemorações que — sob qualquer pretexto e mesmo sem pretexto algum — se faziam nas confeitarias de Carlos Alberto ou nas tascas de S. Bento da Victória, consoante a «pressão» das bolsas e das carteiras...

Lembram-se? Eram os pastéis de nata, os de côco, os «jesuítas», as «sandes» e os bolos de arroz afogados em «chops» e taças de espumoso; as bacalhoadas com todos, regadas a cópazios de verde; e, em horas de

HA JA MUITOS ANOS QUE TO-MAMOS CAFÉ

N O

ÂNCORA DE OURO



«maré-baixa» e mês tocando o fim, os copitos de «aba-fado» a facilitar a digestão do cheirinho — nem sem-pre rico, diga-se... — que nos vinha das iscas fritas e outras finas iguarias dispostas sobre o zinco do bal-cão em recipientes cautelosamente resguardados (das moscas e bichesas afins, é bem de ver) por sólidos anteparos...

Lembram-se? Que bons tempos, que bons estômagos, e que ricas «beberações» comemorativas!

E vamos lá ao recado:

Velhos companheiros, amigos de outrora, a vossa lembrança vive sempre em mim! Por onde andais vós? O que fazeis agora, quando a caminhada vai chegando ao fim?

Como gostaria de vos ver a todos, de me rir convosco, de estar com vocês! De lembrar as «ceias» onde o vinho, a rodos, ...era só o que havia, quanta e quanta vez

Que saudade tenho de toda essa malta, sempre sem vintém mas rica de alegria! Nada, nesse tempo, nos fazia falta... Tínhamos vinte anos; que mais se queria?

Fomos tantos, tantos... que perdi o rol. Tudo gente amiga, gente camarada! Nenhum cobiçava o seu lugar ao sol, porque em todos nós luzia uma alvorada...

Nesse velho tempo era a vida outra vida: tinha o sol mais fogo, e as noites mais luar. Era o nosso trilho uma estrada florida, e a nossa existência um canto de embalar...

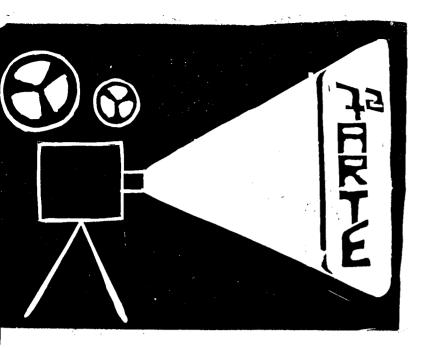
Horas após horas vividas num sonho, e os dias passando sem nos darmos conta. Perto dos exames...—Seria enfadonho ligar importância a lérias dessa monta!

Assim fosse ainda, nas provas que venho prestando no mundo a todos os instantes... Exames do Curso!...—Que saudade tenho das «dores de barriga» que sofria dantes!

Velhos companheiros, rapazes de outrora, a vossa lembrança não se apaga em mim! Por onde andareis? O que fareis agora? Penso em vós sorrindo... mas minha alma chora, lembrando o começo, e tão perto do Fim!

Redro arigalha

== SÉTIMA PÁGINA =



POSIÇÕES DA CÂMARA:

Ângulos de Filmagem

Fàcilmente se vê, que a câmara pode filmar em todas as direcções, segundo ângulos diversos (ângulos de filmagem ou tomadas de vistas). Mais correntemente utiliza-se o ângulo de filmagem normal, no qual a câmara é colocada horizontalmente, frente às personagens e à sua altura (¹) (a linha horizontal situa-se à altura dos olhos de um homem de estatutra normal, de pé). Por vezes para valorizar qualquer movimento, a câmara toma uma posição oblíqua em relação ao objecto filmado, fazendo coincidir a sua direcção com a diagonal do écran, proporcionando ao mesmo tempo— e sem perda de poder descritivo— um novo ponto de vista; no documentário inglês Night mail, alguns planos são filmados deste modo, o que satisfaz pericitamente o fim em vista.

Nos documentários, westerns e epopeias são muito aplicadas duas outras posições da câmara, que são: — plongé (ou picado) e o contra-plongé (ou contra-picado).

No primeiro destes ângulos de filmagem (plongé) a câmara vê a cena de cima para baixo. A utilização desta posição de câmara pode ter um efeito meramente descritivo (visão panorâmica duma cidade tomada de avião) ou ter um efeito expressivo particular (esmagar os personagens ou objectos). Utiliza-se para expressar o estado de abatimento físico ou moral dum personagem. Por outro lado um personagem filmado em

contra-plongé é como se fosse visto de baixo para cima.

Contràriamente ao que acontece com a utilização do plongé, o contra-plongé serve ao realizador para realçar o carácter altivo ou poderoso de determinado personagem. Este ângulo de filmagem é assiduamente utilizado em filmes de terror ou épicos («A revolta dos Cossacos» de A. Lattuada, por exemplo).

Os movimentos da câmara

Foi M. A. Prornio, repórter fotográfico, que pela primeira vez em 1896, utilizou com fins artísticos, um movimento de câmara, aquilo que mais tarde se chamaria «travelling».

Os deslocamentos de câmara comportam, dois tipos de movimentos: Panorâmica e travelling.

Panorâmica é um movimento de rotação de câmara em torno dum eixo fixo. Se o eixo é horizontal, a câmara rodará de cima para baixo e vice-versa, deslocando-se, assim, num plano vertical, neste caso a panorâmica diz-se vertical. Se a câmara roda em torno do seu eixo, de modo que a objectiva se desloca de baixo para cima diz-se neste caso ascendente; se acontece o contrário a panorâmica diz-se descendente. Se o eixo de rotação do movimento da câmara é vertical, deslocando-se a câmara num plano horizontal, os movimentos panorâmicos dizem-se horizontais; consoante o sentido do movimento (para a esquerda ou para a direita) assim teremos uma panorâmica lateral esquerda ou uma panorâmica lateral direita.

Travelling é um movimento de translação da câmara são geralmente feitos num carro especial (charriot) ou sobre carris. Conforme a câmara se aproxima ou afasta do assunto a filmar assim teremos o travelling para a frente ou travelling para trás. Quando a máquina se desloca paralelamente ao plano frontal da cena a filmar, temos então os travelling laterais (para a esquerda ou para a direita).

Panorâmicas e travellings podem combinav-se e associar-se de vários modos tendo em vista efeitos especiais.

Não faremos referência à série inumeráveis dos múltiplos efeitos que se podem conseguir dos movimentos mistos da câmara (travellings associados a panorâmicas em que se utilizam graus, etc....) porque, para sermos explícitos e pormenorizados, teríamos que nos alongar em excesso.

Habitualmente diz-se que o cinema é movimento, o que na realidade não é verdade, uma vez que os movimento da câmara por si só, independentemente das intenções que levam os realizadores a empregá-los, nada significa na Sétima Arte, e nada ou pouco têm a ver, com aquilo que se designa por movimento em cinema.

PINTO LEITE

^{(1) —} Em linguagem cinematográfica, e para efeitos de sistematização, toma-se sempre o homem como unidade padrão.

D S E R

Eu tenho um deserto que é meu, só meu. É um deserto escaldante, com montanhas de areia dourada que, banhada pelo luar, me lembra o infinito do mar azul. É tão belo o meu deserto!

De quando em quando afasto-me das pessoas e retiro-me para o meu deserto, que para os outros é tão inacessível como o mais escarpado pico da mais alta montanha. Os primeiros dias de viagem são penosos... é que o meu deserto faz sofrer, talvez por isso gosto tanto dele. A medida que avanço para o seu coração sinto que cada vez o amo mais. E no meio, mesmo no meio, estão todas as minhas riquezas.

Há alguns ousados exploradores que tetam conquistá-lo. Uns desistem quase logo; outros aventuram-se mais longe; alguns mesmo estão quase no centro, mas são poucos, muito poucos, só aqueles que realmente se sentem atraídos por ele.

Um dia conheci-te e quis levar-te até aos tesouros do seu coração. Tomei-te pela mão e marchámos dia e noite. Tu, porém, começaste a enfraquecer. Não suportavas o sol ardente nem o frio gélido da noite. Não pressentias as suas riquezas ocultas, e nos teus olhos li a saudade do mundo que para trás deixaras. E sofri, sofri muito, pois tinha pensado que consegui-



rias chegar ao fim animoso e encantado com as descobertas que se fazem quando amamos um deserto.

Isso afinal não conseguiste. Voltámos então para trás. Levei-te à cidade onde reina o conforto inexpressivo fabricado pelo homem. Aí não terás a sede que te torturava, nem sentirás o sol comer-te a pele e o frio a retalhá-la. Terás flores em todos os caminhos e, decerto bem cedo, esquecerás o meu desejo louco...

 $\mathbf E$ o meu deserto continua meu, muito meu, só meu...

Maria Guilhermina

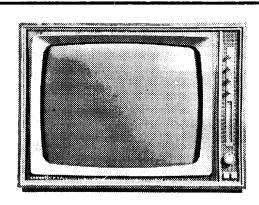


SUPER QUALIDADE EM RÁDIO E TELEVISÃO

Quem OPTA por OPTA, OPTA melhor



UMA GRANDE MARCA ALEMÃ



NÓTULAS DE VIAGEM

Oinamarca

por R. Guimarães Lopes

Duas palavras têm de fazer parte integrante da bagagem de todo aquele que quiser visitar a Dinamarca.

A primeira, por delicadeza, justíssima, para com os habitantes do país dos contos de Andersen, deverá ser tak.

Em qualquer lugar onde nos encontremos ouvimos com uma precisão e ritmo quase de metrónomo — ajustado a compasso binário — o tak-tak bem dinamarquês.

E sem ainda sabermos o significado da palavra já a estamos a empregar sempre com propriedade.

Foi o que nos sucedeu.

Quando aquele senhor bonacheirão, de cara em lua-cheia, corado de vermelho-pimento, com uma duas dúzias de cãs a tentarem proteger um bem lustroso cabeludo, nos ouviu dizer «tak», comentou:

- «Já fala dinamarquês...»

E a lua-cheia fendeu-se num tépido sorriso acariciador, tal qual as luas-cheias das ilustrações dos nossos livros de contos de meninice.

Quando num daqueles panfletos de insípida estereotipia turística soubemos, concretamente, o significado da palavra (*) à volta da qual tínhamos tecido dourada auréola mítica, sentimo-nos possuídos pela decepção de quem ainda duvida e pelo agrado de ver dar tal uso a um vocábulo que em algumas línguas quase soa a insólito.

A outra palavra terá de ser skaal, dispensada sèmente se quisermos deixar de conhecer «por dentro» o povo dinamarquês, passear no Tivoli ou na Ströget, assistir a variedades de duvidoso gosto.

Skaal é imprecindível no convívio com a boa gente escandinava.

O caminho percorrido para se sentir o inefável prazer da sua utilização processa-se quase sempre da mesma maneira:

Um convite para jantar.

Chegamos e fazemos uma viagem ao mundo das colecções de alguém lá de casa. (Gratas recordações guardo do mundo dos cachimbos — desde a Groenlândia ao País dos Bantus — da família Söndergaard, ou, mais pròpriamente, da sua filha de 18 anos, que uma vez por outra, deles fazia uso público...).

Começamos a comer. Uma vela bruxoleia à nossa frente.

De repente, o nosso anfitrião levanta-se e, cuidadosamente, pega numa banal garrafa de vinho (geralmente do tipo carrascão e espanhol, adquirido por elevado preço — daí o aparato).

Os copos são meio-enchidos (só há duas garrafas, os comensais são numerosos e a cerimónia tem de se repetir).

Elevamos a taça à altura das púpilas, procuramos com o olhar alguém do nosso agrado, sorrimos e dizemos, pausadamente, s-k-a-a-l!

O ritual é simples e rígido. As primeiras vezes que o executamos fazemo-lo complacentemente. Mas,



pouco a pouco, o jogo adquire significado. Há uma tácita aproximação entre quem emprega skaal.

Palavra de tão singelo emprego adquiria, por vezes, o valor da tábua para o náufrago.

Quando alguns pares de olhos estão pendentes da frase que os nossos lábios teimam em não pronunciar, quando o silêncio, indefinido a princípio, toma proporções abissais, verdadeiramente oprimentes, quando a derrapagem no esburacado terreno dos nossos conhecimentos linguísticos está prestes a atirar-nos para o precipício da indelicadeza, podemos ter a felicidade da nossa presença de espírito parar a procura — nos nossos arquivos mnésicos — na letra «s».

Levantamos «o-que-que-seja-com-líquido», sorrimos e titubeamos skaal.

Estamos salvos!

(Cont. no próximo número)

^(*) Estava aí escrito, secamente, «obrigado».

CAMINHO



O anjo da esperança subiu dentro de mim e disse-me «Vai

c realiza o teu ideal de homem. Não olhes para trás. Despreza a derrota vil e o triunfo enganador. Não confies em ti próprio nem nos teus amigos. Acredita na vitória dum dia próximo. Não tropeces nem lamentes nem abandones nem desistas nem percas a esperança. Caminha e então tu serás um Homem!»

Ouvi...
E assim faço!

Viver estes minutos como se fossem os últimos!!
Ah, viver, viver, viver...!!
Como se nunca mais houvesse sol.

- e mãos a darem-se
- e amor
- e olhos

como se nunca mais nascesse música!!!

como se nunca mais nascesse de se compreender!

Viver sempre estes minutos como se fossem os últimos duma aleluia final!!!

Marinda de Castro

TORPOR

A aragem abana as sombras
Informes de árvores sem cor;
E a rola chilreia uma dor;
E um pardal dança um bailado
Ao redor do seu fado
Mas eu não me mexo,
nem meus sentidos;
só sei uma coisa —
escrevo.

(K) 主肠作业 (物) (L) (H) (M)(A)

1 200

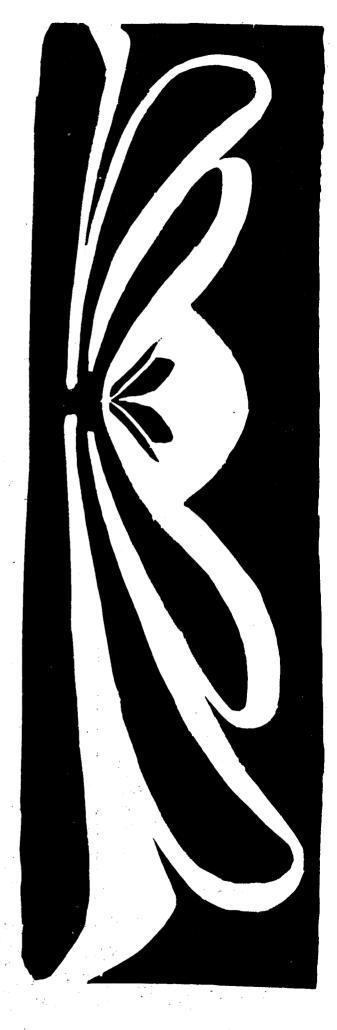
POR UM MUNDO MELHOR

Eu canto o sorriso da inocência, o olhar meigo da criança pobre, os cabelos de ouro de uma jovem virgem. E, para além da dor, da miséria e da fome, eu canto por um mundo melhor, por um mundo, onde côdeas de pão seco não sejam mendigadas, onde rostos tristes de amargura não chorem a dor presente. Versos meus, se algum bem vós puderdes dar a este mundo em que vivo então talvez eu esteja satisfeito comigo próprio.

MENINA CEGA

Menina dos cabelos cor de oiro
menina dos lábios cor de carmim
onde trazes o teu sorriso de esperança
que ilumina teu corpo jovem em mim.
Menina dos olhos cor de azeitona
menina teu corpo ainda criança
me faz lembrar quando eu não existi
e não experimentava teus beijos sabor de laranja
menina do sorriso que me dá tristeza
menina da pele cor do jasmim
eu olho e vejo a tua beleza
mas choro

não me vês a mim.



Essa Noite...

O céu desmanchava-se nessa noite em grossas cordas de água que a luz instantânea dos relâmpagos desfazia em chispas de aço.

Os trovões e os gemidos do vento, poder-se-iam tomar pelos trovões e gemidos do cataclismo apoca-líptico.

A noite caíra negra e espessa como um pecado. Nem uma estrela! Nem uma estrela, branca que fosse, de reflexos pálidos! Recordava-se o sol como um deus mortal, que existira num império havia séculos ofuscado pela carapaça negra e informe que se derretia em chuva. Apenas a terrifica luz das descargas, tudo englobando em caleidoscópica imagem de fogo.

Apenas a chuva e a lamúria moribunda do vento. Dir-se-ia o fim do imaginário infinito.

A noite era medonha e cerrada a minha solidão.



A solidão que eu criei, a solidão que eu criei na fuga das manifestações néscias da vida. Ó coração que te envolveste de crostas contra os ventos da terra, saberás tu o que queres? Tão depressa foges como apareces a sorrir, a sorrir. Oh! Como te compreendo, sem chegar sequer a entender-te! Momentos há em que tudo é morto em redor e o medo se apodera da alma, em gritos que fazem eco do outro lado do mundo. O mundo! Oh! Senti que ele não existia. Senti que nada havia além do meia-luz do candeeiro que me encimava a secretária. Que frescura me dava a onda refrescante da imaginação a abater a dor violenta que queimava o peito!

Então, o meu corpo ergueu-se e as unhas em garra tentaram fincar-se nos vidros lisos da janela. Os olhos

CONTO

por Adão Pinho da Cruz

desmesuradamente abertos, prenderam um ponto da imensidão negra e quedaram-se fixos, numa fixidez de cadáver.

Num momento... tudo esqueci, mesmo a luz do candeeiro. Um momento leve, impalpável.

Deixou de ouvir-se o vento e o estrondo cavernoso dos trovões emudeceu. A chuva perdeu-se num marulhar longínquo.

O ponto preso aos meus olhos saltou das trevas e cresceu, cresceu límpido e cristalino, e fez-se gota de água gigante.

A minha janela era agora enorme e mágica bola de cristal. Inundava-a a pouco e pouco a luz radiante dum sol nascente. a espraiar-se acima dos cumes rendilhados de neve.

Ó mágica arte entre bastidores da consciência!

Jardins e flores cresciam em viço e extensão bastantes para fazer um céu. As árvores abriam os braços engalanados de pétalas, a milhares de passarinhos chilreantes que vestiam suas mais belas e maravilhosas cores. Ribeiros sussurrantes e lagos plácidos e límpidos enfeitavam como jóias os prados verdes.

Nada se ouvia de rude, nada que não fosse musical.

E a minha alma elevou-se e ultrapassou a arquitectura do sonho.

Tudo era feito de silêncio, um silêncio musical.

De súbito, uma nuvem branca em forma de anjo tomou vulto na linha do horizonte. Encurtou mansamente a distância que a separava da terra, desceu por entre as árvores mais altas até à folhagem dos arbustos, rasou as flores que se abriram mais para lhe sorverem a frescura e poisou suavemente na sedosa margem de um dos lagos.

Mais uma nuvem apareceu e após ela muitas outras, todas semelhando anjos ou bandos de pombas brancos batendo as asas no azul do céu. Todas desceram como a primeira tocaram a terra nas margens dos rios e dos lagos.

Então, lentamente, principaram a desfazer-se em fumo ténuo, em seu lugar deixando grupos de crianças que imediatamente corriam pelos jardins, acompanhadas das avezinhas multicores que ensaiaram seus melhores gorjeios para as receber. Meninas, todas de branco, pegavam-se pelas mãos em amplas rodas, que uma melodia celestial fazia girar. Grossas tranças de oiro pendiam de sua cabecitas vivas ou orlavam-nas à maneira das auréolas luminosas dos santos. Os rapazes, montando belos póneis, brancos como eles e como as nuvens que os trouxeram, executavam círculos de bom trote ou deixavam-se penetrar do ar puro em suave carreira pela pradaria.

O tempo parecia não ter sido alvo de medições nesse paraíso. E o sol, o sol não se gastava a percorrer a cúpula imensa mas girava levemente e baileva como um lustre ao som dos trinados dos anjos.

Sùbitamente, um ponto negro divisou-se no céu. Foi aumentando de proporções, tão ràpidamente quão rápida era a sua queda vertiginosa e em poucos segundos estatelou-se no solo. Era um enorme pássaro negro, de bico fortemente curvo e olhos excepcionalmente grandes e penetrantes. Semelhava uma águia gigantesca e estava moribundo.

Todas as danças e cavalgadas pararam.

Os olhitos das crianças fixaram-se, imóveis, naquele negro vivo que a alvura circundante fazia sobressair de maneira assustadora.

O silêncio deixou de ser musical.

Ressoou um estertor de gargalhadas loucas e uma neblina fria envolveu o sol.

Aconteceu que um dos rapazes deixou o seu cavalinho e correu para a ave ferida enxugando às alvas vestes o lio de sangue que escorria do bico do animal. E viu nos olhos do pássaro negro, não a voracidade de rapina, mas um humilde reflexo por sob uns ligeiros movimentos de medo e desconfiança. O pequeno cavaleiro lançou em volta um olhar de ansiedade e todo o seu rosto pediu auxílio.

DUAS CASAS

que tudo o que fabricam e vedem é bom

PRIMAR

CONFEITARIA SALÃO DE CHÂ

RUA DO CARMO

FILIAL: — Rua Mártires da Liberdade, 139-145

Tel. P. P. C. 25858 - 28458 - PORTO

Mas... ó hora terrível, ó escárnio! Ó alma, o que te fizeram!

Os olhos da pobre criança exprimiram o maior terror jamais sentido. Todos aqueles seres brancos caminhavam ameaçadoramente para ele e a cor de neve ia-se tornando parda, à medida que dele se abeiravam. Os rapazes, fizeram-se homens de olhar sanguinário, armados de cutelos assassinos, tridentes e ferros em brasa. As raparigas, tornaram-se em turbilhões de pó seco e asfixiante. O solo, cobrira-se de lama e sangue e um fumo espesso e negro despregava-se de foguelras apagadas. Em vez de cavalos havia dragões de grandes línguas bífidas e pele de cobra, como os que guardaram as mitológicas Hespérides.

E à ordem de alguém, todos os monstros se precipitaram sobre aquele pobre ser ainda vestido de branco, rasgando-lhe as cândidas carnes e estrangulandolhe o débil pescoço com as enormes línguas, rubras de fogo.

Um grito angustiante evadiu-se-me do peito. Onde ecoou, nem eu sei! Acordei e dei comigo estendido no chão, de mãos crispadas na garganta.

Junto de mim chorava minha mãe, que acorrera aterrada ao meu grito. Apertei-me contra o seu peito e nele refreei os soluços. Depois tomei-lhe a face pálida e pura entre as mãos trémulas e beijei-a, beijei-a muito, como fazia quando era criancinha.

OIÇA O PROGRAMA RADIOFÓNICO DO O. U. P.

De quinze em quinze dias às 0 h e 30 m na noite de Quarta para quinta-feira, no «Programa última hora» nos E. N. R.



JOSÉ M. ALVES & F.º, SUCR.

MATERIAL DE LABORATÓRIO

R. do Carmo, 9-P O R T O-Telefone, 25971

Reportagem

Inaugurada no dia 25 de Novembro de 1964, esteve durante 12 dias patente ao público em geral e em particular àqueles que mais directamente se interessam pela vida da nossa Universidade, a II Exposição Histórica do O. U. P.. Fruto de metódica e pormenorizada selecção de tudo quanto se liga com a existência e ascendência do O. U. P., promoveu a actual Gerência uma notável jornada de homenagem a todos quantos, de algum modo, tomaram parte na edificação deste organismo, e, ao mesmo tempo, permitiu o conhe-

II EXPOSIÇÃO

cimento do que foi e é a sua actividade e projecção na vida da nossa Universidade.

Para aqueles que a visitaram, sem contudo terem ligações directas com algo do que lá se encontrava, teriam talvez satisfeito uma curiosidade banal, encontrado os seus motivos de graça, enfim, uma ou duas horas de passatempo agradável. Para aqueles que aí encontravam motivos de ligação com a vida académica do seu tempo, que descobriam a sua figura numa fotografia, o seu nome num programa ou num cartão de orfeonista, — para esses a quem esses motivos fizeram desfiar um rosário de recordações, de amigos, de uma vida da qual só a saudade resta, a visita a esta exposição constituiu certamente um lapso de tempo de um reviver maravilhoso. Aí encontraram os principais documentos e objectos que definem um passado de mais de meio século de existência — desde 1912, data



O nosso Magnífico Reitor aprecia a exposição

de fundação do Orfeão Académico do Porto até ao momento actual: fotografias, recortes de jornais, publicações do O. U. P., propaganda de saraus, programas, cartões de sócio; medalhas, insígnias e comendas; troféus das suas viagens, principalmente das realizadas a Angola e Moçambique; estandartes da Tuna,

Orfeão Académico, Centro Académico e a actual bandeira do O. U.P. com centenas de fitas a atestar os saraus realizados.

A Exposição foi inaugurada pelo nosso Magnífico Reitor, estando ainda presentes representantes do Senhor Presidente da Câmara, Associação dos Antigos Alunos, Teatro Universitário e Associação de Farmácia; em breves palavras o Presidente da Direcção disse das razões de tal iniciativa e do seu significado.

Uma realização a que a Imprensa se referiu largamente em termos elogiosos; de um diário citadino recolhemos as seguintes passagens:

«A exposição agora inaugurada que se encontra aberta ao público até segunda-feira, traduz duma maneira eloquente o que foi o velho Orfeão Académico que tantas vezes andou pelas terras de Espanha e o que tem sido o actual Orfeão Universitário sucessor daquele, que não tem limitado a sua acção no Conti-

HISTÓRICA DO O.U.P.

nente mas, também, no país vizinho e em gloriosas jornadas pelo Ultramar».

Mais adiante:

«Pode dizer-se que tudo obedeceu a uma disposição bem estudada e o visitante em legendas simples, ràpidamente fica a saber o significado do documento ou do objecto exposto».

A terminar, e com a devida vénia, transcrevemos as palavras que o nosso Magnífico Reitor escreveu no Livro de Honra:

«Sou dos vossos, e não me compete gabar os meus. Mas, com o maior interesse e a maior simpatia, inaugurei esta vossa exposição, evocativa dum passado que honra a Universidade e anunciadora dum futuro que espero ainda melhor».

SECÇÕES

A-O O. U. P. pela fotografia.

B-O O. U. P. na Imprensa.

C - Programas e propaganda de Saraus.

D-Fitas do Estandarte.

E - Troféus e Recordações.

G - Jornal e Revista «ORFEÃO».

Stand de vendas — estarão à venda jornais e revistas «ORFEÃO», discos do O. U. P. e emblemas.

Agradecemos ao visitante o favor de preencher a sua «ficha de visitante» e de registar as observações ao material exposto que achar oportunas.

A sala da Exposição estará aberta todos os dias úteis das 14 às 20 e das 22 às 24 horas e no domingo das 9 às 24 h.

Repórter X

UNIVERSIDADE

FEIRA DO LIVRO NA FACULDADE DE FARMÁCIA

A Associação dos Estudantes da Faculdade de Farmácia, em colaboração com a U. N. I. C. E. P. E., vai realizar, na sua sede, de 1 a 7 de Abril próximos, uma «Feira do Livro», que vem suscitando muito interesse entre a população Universitária. Iniciativas deste tipo são necessárias, quer pelo seu interesse, quer pelas facilidades que trazem a quem delas possa beneficiar. Querêmo-las connosco, sempre procuraremos dar brado de tais acontecimentos, é com muito gosto que chamamos a atenção de todos os Universitários para mais esta iniciativa da A. E. F. F.

Resta-nos desejar que o êxito desta Feira do Livro seja o melhor incentivo para futuras realizações do género.

Desse êxito não temos dúvidas A. E. F. F.

CORAL DA FACULDADE DE LETRAS DE COIMBRA

Visitou este agrupamento a cidade do Porto no passado dia 20 de Março que, a convite da J. M. P. e em colaboração da Secção Cultural do Centro Universitário do Porto, realizou um Sarau, o 7.º da temporada, na sala de espectáculos do Cinema Trindade.

O programa apresentado foi excelente, tanto na 1.ª como na 2.ª parte, preenchido este com peças regionais Portuguesas, da autoria de Sampaio Ribeiro, Manuel Faria e Lopes Graça.

Conjunto muito homogéneo, vozes femininas bem educadas e trabalhadas, traduzindo-se por excelente maleabilidade e sensibilidade de interpretação. Os vastos aplausos que mereceu a actuação de «Josèzito» dizem tudo do nível artístico da solista do número.

A todos agradou mais esta visita do C. F. L. U. C. à cidade do Porto. Excelente concerto, excelente impressão que ficou em todos os que a ele assistiram.

Parabéns à J. M., parabéns ao C. F. L. U. C.

QUEIMA DAS FITAS — EDIÇÃO 65

Mantendo a tradição mais uma vez, este ano, de 2 a 9 de Maio, atestando a capacidade criadora e realizadora dos Universitários nortenhos, realizar--se-ão as Festas da Queima das Fitas da Universidade do Porto.

Damos, para já, neste breve apontamento noticioso, o programa do que vai ser a nossa Queima deste ano:

DOMINGO, 2

Zero horas — Serenata Monumental

Manhã — Bênção das Pastas

Tarde — Tarde Desportiva

Noite - Jogos Florais

SEGUNDA, 3

Manhã — Exposição de Arte

Tarde — Imposição de Insígnias

Noite - Noite Académica

TERCA, 4

Tarde --- Cortejo

Noite - Folclore e Variedades

QUARTA, 5

Tarde

— Chá-Dançante Noite

QUINTA, 6 (Beneficência)

Tarde - Sarau de Arte

Noite - Noite Desportiva

SEXTA, 7

Tarde — Encerramento do III Ciclo de Teatro

Noite — Baile de Gala

SÁBADO, 8

Manhã — Encerramento da Exposição de Arte

— Chá-Dançante

Noite

DOMINGO, 9 (Póvoa de Varzim)

Tarde — Garraiada

Noite - Fim de Festa

AGÊNCIA EDITORIAL

Aug. Valente, Sucr.

REPRESENTANTE DAS CASAS EDITOAS DE PARIS:

LIVRARIA MALOINE, LIVRARIA LAROUSSE E ARISTIDES QUILLET

> R. DA FÁBRICA, 38 - 3.º - SALA 37 TELEF. 20785 **PORTO**

Sociedades em ponto pequeno... ou Elites?

(Cont. da pág. 2)

remos que o meio universitário prima por uma superficialidade de ideais e concepções acentuada, por uma manifesta falta de qualidade em geral. Podemos então deduzir que, se na situação ideal existe um determinado equilíbrio entre o potencial intelectual universitário e a manifestação desse potencial através dos organismos circum-universitários, na presente realidade esse equilíbrio encontra-se gravemente afectado, uma vez que, por um lado, o que o meio universitáro pode dar ou manifestar, está substancialmente diminuído no global, por outro, o que é exigido aos organismos circum-universitários - não só fomentar a formação integral do universitário como ainda promover a manifestação da formação conseguida — é amplamente mais que no caso ideal. Este desiguilíbrio entre a qualidade da «matéria prima» e a grandiosidade da tarefa a levar a cabo é, talvez, o mais grave e delicado problema que afecta ou pode vir a afectar a actividade dos organismos circum-universitários nos moldes exigidos e, inclusive, a sua própria existência. É um problema que, confesso-o, muito raras vezes vi ser abordado com atenção e objectividade e que é ignorado pela maior parte dos alunos universitários, inconscientes de que, lenta mas progressivamente, as suas estruturas circum-universitárias podem ficar sèriamente abaladas se não houver o cuidado de, constantemente, velar pela estabilidade das suas bases!

Assim, a única forma de manter o equilíbrio desejado ou de, pelo menos, reduzir substancialmente o desequilíbrio apontado na presente situação é procurar, por todos os meios ao nosso alcance, que os organismos circum-universitários sejam constituídos já por elites suficientemente preparadas e mentalizadas ou, quando muito, desejosas de obter, por seu esforço próprio, o grau de preparação e mentalização indispensáveis.

III — SOCIEDADE EM PONTO PEQUENO... OU ELITES?

Sendo o meio humano dos organismo circumuniversitários uma parte, afinal, do meio universitário e os componentes daquele recrutados deste, em primeira análise deve admitir-se que apresenta os mesmos caracteres do meio universitário, a mesma amálgama de defeitos e virtudes, a mesma capacidade de reacção perante factos e problemas. Nessas condições, os organismos circum-universitários comportar-se-ão como sociedades em ponto pequeno; patentearão boas e más obras, deixar-se-ão arrastar quer por impulsos generosos, quer por paixões mesquinhas, não conseguindo manter um ambiente impecável que possa ser apontado como exemplo, como digno de uma elite. A acção formativa, quer sobre os seus próprios componentes, quer no meio universitário em geral, será muito limitada pois falta-lhe coesão de ideias e princípios, ideologia que baseie a sua actividade e a integre plenamente para se impor como guia, como elite.

Como já tive oportunidade de focar, não é esta a estrutura nem mentalidade que se pretende nos organismos circum-universitários. Deseja-se que estes constituam elites, única forma de poderem exercer eficazmente a missão que se lhe exige no momento e dar cumprimento às responsabilidades que sobre eles pesam. E põe-se, então, o problema: será possível a sua existência e permanência como elites?

Embora o nível cultural do meio universitário seja baixo, não podemos negar a existência de elementos de capacidade mental superior, cientes do valor que deve caracterizar a mentalidade universitária, além de outros que, pelo menos, sentem a necessidade de procurarem elevar-se e, por seu próprio esforço, contribuir quer para a cultura própria, quer para a dos colegas. Consequentemente, é possível seleccionar do meio universitário elites ou, pelo menos, grupos com as condições suficentes para vir a constituí-las desde que convenientemente orientadas.

Nesta ordem de ideias, uma rigorosa selecção dos seus componentes é condição «sine qua non» para que os organismos circum-universitários possam, de facto, afirmar-se como elites, para que tenha existência, um espírito colectivo com os olhos voltados para o progresso e o desejo de contribuir para a elevação da Universidade.

Note-se, porém, que a selecção apontada não é suficiente para garantir aos organismos circum-universitários as características superiores que lhes desejamos. Outros factores não menos importantes são de considerar igualmente.

Para que a actividade dos organismos circum-universitários se processe eficazmente, é necessário o pleno entusiasmo e generosidade espiritual do seu meio humano. Ora, no mundo materialista que vivemos, por paradoxo, cada vez são mais difíceis e raras as compensações materiais do trabalho realizado. Torna-se necessário aceitar — o que considero perfeitamente certo! — como compensação válida a satisfação e gozo intelectual de se reconhecer que o esforço desenvolvido dá os seus frutos e proporciona à Universidade e aos Universitários novas perspectivas de obterem a desejada formação integra.

Este espírito colectivo pressupõe a existência de uma ideologia, de um conjunto de altos princípios

(Continua na pág. 19)

Página de Fotografia

Conselhos úteis para tirar fotografias

Atenção aos fundos

Há certas fotografias feitas ao ar livre que perdem imenso do seu valor e da sua graça pelo facto de o fotógrafo não ter prestado devida atenção aos fundos.

Quantas vezes, por exemplo, ao fotografar-se uma pessoa num jardim, não fica uma haste de planta ou o ramo de uma árvore por cima da cabeça dela, como se estivesse ali colocada?

É conveniente, portanto, antes de disparar o aparelho fotográfico, que se preste um pouco de atenção ao fundo, não vá depois aparecer qualquer coisa que possa prejudicar a fotografia.

Quando, igualmente, se fotografam pessoas que tenham o cabelo louro ou se vistam de claro, deve-se escolher um fundo escuro para evitar confusão de tonalidades. Pela mesma razão, se o cabelo e o trajo forem escuros, escolher-se-á um fundo claro.

Na fotografia de monumentos é conveniente observá-los de ângulos diferentes, para escolhermos aquele que mais nos convenha, a fim de o fazermos realçar melhor.

Como fotografar assuntos em grande movimento

Fizemos já referência aos casos em que devemos empregar velocidades do obturador até 1/200 s.

Todavia, há outros em que necessitamos de usar um instantâneo ainda mais rápido.

Temos, por exemplo, alguns assuntos desportivos, como o futebol, corridas de automóveis e de motos. hipismo, etc., que exigem os instantâneos de 1/500 s e de 1/1000 s., sendo este último sòmente aplicável nos aparelhos fotográficos providos de obturador de cortina.

Porém, é possível substituir este estantâneo utilizando 1/500 ou 1/400 dos obturadores frontais desde que se observem determinadas regras.

Se pretendermos fotografar mais de perto, teremos de nos servir de dois processos : o primeiro é disparar



Uma encantadora praia de Moçambique

o obturador quando os corredores passam em frente do aparelho fotográfico, utilizando o instantâneo de 1/1000 s.

Como a imagem dos corredores se move a grande velocidade sobre o filme, dada a sua proximidade do aparelho, corre-se o risco deles ficarem mexidos apesar da rapidez do obturador de cortina. O segundo processo consiste em acompanhar de longe os veículos através do visor do aparelho fotográfico, e, sem parar neste movimento, disparar o obturador quando eles passarem junto de nós. Usando este processo, obtém-se uma imagem nítida dos veículos sobre um fundo mexido.

Sapataria Principal

CALÇA OS ESTUDANTES

Preço Fixo

Rua Formosa, 326 — PORTO

CONCURSO DA REVISTA



Está este concurso a ter expansão extarordinária entre os leitores da Revista Orfeão.

Uma vez mais expomos parte do Regulamento:

- Podem concorrer todos os alunos de qualquer grau de ensino.
 - As respostas terão de chegar à Redacção da Revista «Orfeão» dentro de 15 dias após a publicação.
- O concorrente deverá enviar juntamente com as respostas os seguintes dados: nome; filiação; morada; estabelecimento de ensino que frequenta e idade.
- Os prémios serão constituídos por um disco de 45
 r.p.m. e emblemas do O.U.P. para automóvel.
- -Os nomes dos concorrentes premiados serão publicados.

Os contemplados do último concurso foram os colegas:

Manuel Antunes Rodrigues (universitário) Raimundo Caballero Ayres de Souza (liceal) João Silva (universitário).

Por sorteio foi premiado com um disco de 45 r. p. m. com gravações da orquestra de tangos do O. U. P., Manuel Antunes Rodrigues.

Aos dois outros concorrentes será atribuído um emblema do O U. P. para automóvel.

Os prémios podem ser levantados na Adiministração da Revista «Orfeão» até ao dia 7 de Abril.

E agora as perguntas deste número:

Ι

Quem disse?

«Aquele que sofre, ama, ora é um ser humano. O pária sofre, ama, ora. O pária é um homem».

 \mathbf{II}

Que significa?

«Coscinomância».

Ш

Charada sintética:

«MULHER» sensata NÃO casa com qualquer FULANO 3-1.

IV

Charada protética

EXCELÊNCIA é tratamento dado a pessoas, que, às vezes só cultivam a INDELICADEZA.

Palauras
Cruzadas
FARMACIA

HORIZONTAIS: 1—Medonhas; 2—4 letras de Abácia; aspectos; 3—forma do verbo querer; 4—artigo (inv.); 3 letras de robe; 6—Aqui está; artigo (inglês); 7—enganei; 8—elevada; anagrama de cada; 9—que provoca secreção da saliva.

VERTICAIS: 1—Faladoras; 2—letras de ralo; estudei; 3—impertinente; 4—nocivo; 3 letras de lamaçal; 6—5 letras de enviar; antigo secretário da ONU; 7—relativo a uma rocha eruptiva; 8—artigo; 2 letras de gás; 9—que está à sombra.

Orfeu . marca dos grandes êxitos

Orfeu . marca dos discos do Orfeão

Arnaldo Trindade & C.a, L.da

RUA SANTA CATARINA, 117

PORTO

ORGANISMOS CIRCUM - UNIVERSITÁRIOS

Sociedades em ponto pequeno... ou Elites?

(Cont. da pág. 16)

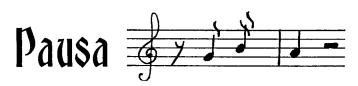
e finalidades que orientem superiormente toda a actividade e actuação dos organismos circum-universitários; pressupõe a adaptação dessa ideologia às necessidades intelectuais e espirituais da época, ao progresso da cultura e da ciência, e a ausência duma estagnação a todos os títulos prejudicial; pressupõe a existência de uma faculdade colectiva e homogénea de seleccionar e valorizar problemas, desprezando aqueles que em nada possam contribuir para a superiorização do Universitário e dedicando a sua atenção e estudo àqueles que, na realidade, o mereçam.

Concordemos que, na situação presente, este seria o esquema ideal do funcionamento dos organismos circum-universitários; concordemos que, infelizmente, este esquema ideal nem sempre foi atingido e que, em muitos aspectos, não se conseguem cumprir em 100 % os objectivos que deveriam nortear a actividade circum-universitária. Este estado deficiente só poderá ser corrigido desde que cada um procure sentir a responsabilidade da sua posição e o dever de dar o seu contributo na valorização do nível cultural dos organismos circum-universitários, compenetrando-se da necessidade imperiosa de fomentar a formação integral do Universitário.

Assim, na medida em que os organismos circumuniversitários se afastem da sua posição de «sociedades em ponto pequeno» e se encaminhem para a de «elites», assim se conseguirá que possam ter, no meio universitário, uma acção formativa eficaz, assim conseguirão preencher o vazio que se apontou na estrutura universitária.

Deixo agora ao critério de cada um, o verificar, se a sua actuação e comportamento no organismo circum-universitário a que pertença está de acordo com a mentalidade de elite ou se, pelo contrário, é pautada pelas normas e hábitos de... sociedades em ponto pequeno!...

BEIRÃO REIS



Conta-se em Roma:

Certo actor modesto abeirou-se do conhecido cineasta Alberto Sordi e disse-lhe:

— Estou numa situação horrível. Se, até à noite, não houver alguém que me empreste cem mil liras, tenho de dar um tiro na cabeça. Poder-me-ia ajudar?

E Alberto Sordi, tranquilamente, respondeu:

- Impossível. Não tenho pistola.

«Mãe, olha um arco-íris, ali, na valeta!» — dizia uma garotinha a sua mãe, que só estava a ver uma mancha de óleo.

(G. Lagomann)

PORTO EDITORA, LDA.

LIVRARIA

PAPELARIA

RUA DA FÁBRICA, 84 -

PORTO

Quando necessitar de um bom dicionário tenha sempre presente os Dicionários «EDITORA»

Dicionário de Português — por J. Almeida Costa e A. Sampaio e Melo, com a colaboração de diversos professores especializados.

Dicionários de Francês-Português — por Olívio de Carvalho.

Dicionário de Português-Francês — por Olívio de Carvalho.

Dicionário de Espanhol-Português — por J. M. Almoyna.

Dicionário de Inglês-Português — pelo Dr. Armando de Morais — professor metodólogo do Liceu Normal de D. Manuel II, do Porto.

Dicionário de Verbos Franceses — pelos Drs. Virgínia Mota, Irandino F. Aguilar e Ernâni Rosas

DEPOSITÁRIO EM LISBOA:

Empresa Literária Fluminense, Lda.

RUA DA MADALENA, 145

PÁGINA FEMININA

Culinária

Dernier Cri

SARDINHAS NA FRIGIDEIRA

A Moda Parisiense para a Primavera e Verão

1 dúzia de sardinhas médias
80 g. de margarina
100 g. de farinha
6 cebolas
1 copo de vinho brancesseco
1 colher das de sopa, de salsa picada,
Sal e pimentos.

Picam-se as cebolas, juntan se hes o viñno e cara xa-se cozer em lume brando, com o tacho destapado durante 15 minutos. Amanham-se as sardinhas gam-se com um pano. Passam-se por farinha se em margarina, durante 3

Temperam-se enquanto estão que com menta. Regam-se com o mor menta. Regam-se com salsa picada e servem se servem se com salsa picada e servem se com se com

MA SILHUETA MUITO FEMININA

a que as pregas emprestam um efeito de rodopio — É asprincipal característica das novas colecções.

PATOU: o tácil e o original

Jean Patou criou, para a próxima Primavera, modelos juvenis e fáceis de vestir, a que dá o seu cunho, com pormenores originais: gravatas de «jockey», capas à cocheiro, coletas de homem e flores aplicadas além.

A silhueta continua muito esguia, embora as saias ram mais rodadas de que na estação passada. A altura mantém-se se a cintura mantém-se se a contra mantém-se a contra ma

Os saia-e-casaco de Jean Patou apresentam três e com o duas-peças, com o casaco curto, abotoado a com s, com efeito de peitilho, o «pesa-vestidos», or por o de casaco a mprido de ombros normais, que resco e o colete.

Para que a sua forma seia imparatoria seia imparatoria de la comparatoria della comparato

DEBBIE Drake, sempre interessada em renovar o seu extenso e variado «reportório» de exercícios, procarou saber a que devia Leslie Gore a sua forma impecável. Leslie — algumas das nossas leitoras talvez não o seibam — é uma loira adolescente e inteligente que, en 1963, tomou de assalto a indústria norte-americana do disco. (Os seus primeiros êxitos foram «It's my party», «It's Judy's time to go» e «She'i a fool»). Ora, sucede que Leslie com 1,58 m de alturate 47 quilos de peso extraordinàriamente cuidadosa com assua dieta, estatodos os dias o seguinte exercício peramos beneficiar também algumas senhoras:

Com a mão na cintura e pés afastados, inclina-se ligeiramente para trás. Em seguida torce o corpo para a direita e toca os dedos do pé direito com ambas as mãos. Depois, torce o corpo para o lado oposto, tocando nos dedos do pé esquerdo.

Esperemos que os resultados lhes sejam proveito-

CASTILHO: o discreto e o florido

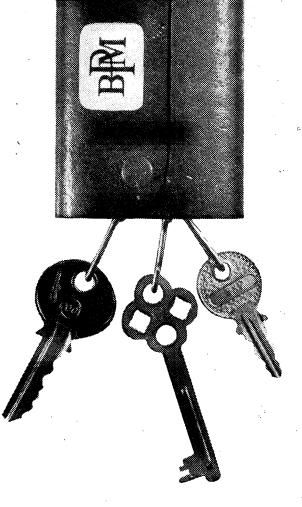
Na colecção de Castilho, os modelos tinham as saias largas descendo até ao meio do joelho, e as cinturas vincadas. Os seus fatos de saia-e-casaco, de cacurtos ajustados à frente e saias de pregas ou apanhados, eram de cor «beige» ou colorido discreto. Decotados eram acompanhados na sua maior parte, por turbantes de «chiffon» de cor condizente.

mi outro, preto, envolvia o manequim positivaente em espiral. E ainda um outro, de marta preta, linha mangas largas e um pequeno decote sublinhado tie de gola tubular afastada do pescoço.

Para adornar os seus vestidos de noite Castilho escolheu flores: um dos mais belos modelos apresentados era confeccionado em organza de amarelo polido, e tinha na frente um pano solto, completamente coberto de flores de seda. Ainda organza, em branco, para um vestido de noite de mangas em quimono, como os modelos chineses, também enfeitado a flores na sua parte superior.

uma chave para

cada problem



PINTO DE MAGALHÃES
BANQUEIROS

iceis SA